

Sarney enterra candidatura em mau estilo

JOÃO BOSCO RABELLO

O senador José Sarney escolheu o caminho mais espinhoso para abandonar a candidatura de todos conhecida — e sempre negada —, com a qual acalentava o sonho de retornar ao Palácio do Planalto: pela mão de Orestes Quércia, o ex-presidente alinha-se à banda podre do PMDB e escreve o obituário de seu último projeto político de dimensão nacional, do qual já tinha sido aconselhado a desistir pelos amigos e correligionários mais fiéis.

A manobra de Sarney foi tão desastrosa que seus amigos e consultores informais chegaram a imaginar-se tomados de súbita miopia política a impedi-los de enxergar alguma genial estratégia oculta atrás das ações recentes do ex-presidente. Afinal, em 48 horas, Sarney brigou com o governador Fleury, anunciou sua saída do PMDB, bateu à porta do PFL, PP e PTB e voltou ao PMDB, como soldado raso de

Quércia, depois de rejeitado por todos. Desenhou na mídia um perfil de derrotado.

O desfecho do episódio, ontem, foi repercutir na tranqüila Lisboa, onde o embaixador José Aparecido recebeu um telefonema esclarecedor: "Zé, o Sarney tá de hospício", dizia o interlocutor, do outro lado da linha — um importante político brasileiro. Sarney, na leitura desse político, deu os anéis para ficar com os dedos — estes últimos simbolizando os filhos Zequinha e Roseana, aos quais confia a preservação da estrutura de poder regional da família. "É outra ilusão, pois com a sua queda em âmbito nacional, ele destrói o que já fez no Maranhão", avalia o mesmo político.

Sarney faz sua opção política no momento em que o senador Pedro Simon (PMDB-RS) trabalha publicamente pela consolidação de um grupo que vem sendo chamado de "ético" — aquele que ficou fora do alcance da CPI do Orçamento e que exhibe uma

vontade política de trabalhar pela reconstrução, em bases novas, sintonizada com a sociedade. Esta já tem uma pré-condição definida em relação às eleições: "Não pode ser candidato quem não puder abrir a conta bancária."

Essa pré-condição foi o que mais apavorou os que tiveram seus nomes citados para depor na CPI. O efeito, mais contundente sobre Sarney, não por acaso lembrado quando ele aderiu ao PMDB fisiológico, ficou registrado na memória de quantos testemunharam o ardor com que sua tropa de choque impediu a quebra do sigilo bancário da deputada Roseana Sarney, afinal negada pela CPI.

O ex-ministro da Previdência Social Antônio Britto, que articula com Simon a consolidação do grupo ético do partido, vai além e enxerga na ação de Sarney um auxílio inestimável à causa que abraçou. Para ele, o candidato capaz de enfrentar Luiz Inácio Lula da Silva, pela chamada terceira via, está

com o caminho mais aberto ainda, na medida em que Sarney, Quércia e Fleury se isolaram por conta própria na banda menos desejável do partido eleitoralmente com mais probabilidades de condenação pelo eleitor.

Para os especialistas nas questões partidárias, Quércia e Sarney exibem um descompasso com a nova mentalidade já introduzida pela CPI do Orçamento, porque insistem em apostar no êxito daqueles que detiverem o controle da chamada máquina partidária, como sempre sucedeu na história política recente. Esses analistas chamam a atenção para a estrondosa derrota política do ex-governador do Rio Moreira Franco, que investiu na mesma tese e até hoje não achou o caminho de volta ao poder estadual.

"Por desconhecer essa mentalidade já como uma realidade eleitoral, Sarney vai perder por WO", compara um governador, recorrendo à regra do futebol, que prevê a derrota de um time por não comparecer para jogar.

ESTADO DE SÃO PAULO

1994